



Idades de leitura como traço de identidade no livro ilustrado infantil

^
Márcia Assis
v

^
RESUMO
v

Nossa proposta é abordar o conceito de ilustração do livro destinado às crianças, correlacionando o texto verbal e o texto imagético. Uma breve reflexão sobre a progressão do conceito de ilustração desde o final do século XIX até os dias de hoje. Toda ilustração de um livro se remete às diversas idades de leitura da palavra e da imagem. Traços funcionais do texto verbal e do texto imagético da produção literária infantil propiciam correlações estruturais entre a palavra-e-a-imagem, passíveis de definição das idades de leitura do livro. O processo ilustrativo do livro estimula a leitura perceptiva. Um dos traços de crise da identidade no livro destinado à infância é a denominação literatura infantil.


ABSTRACT


In this article, our proposal is to approach the illustrating concept in books meant for children, correlating the verbal text to the imagetic one. We shall make a brief consideration on the progression of the illustrating concept since the end of the XIXth century until today. We shall consider that any book illustration refers to the different ages of image or word reading. Functional strokes of the verbal text and of the imagetic one of children's literary production provide structural correlations between word and image liable of age and book reading definitions. The illustrative process stimulates a perceptive reading. One of the strokes of the identity crisis in the books addressed to children is the denomination of children's literature and the dubious application of the illustrating concept


PALAVRAS-CHAVE


ilustração – idades de leitura perceptiva - semântica da imagem
– livro ilustrado infantil – alfabetização da imagem


KEY WORDS


illustration; ages of image reading; image semantics; illustrated book for children; image alphabetization

“Ilustrar é mais do que ornar com gravuras. Tornar atraente uma página é também função de seu tratamento gráfico. Há que se cuidar de todas as letras, linhas, blocos de texto, espaços em branco e das viradas de páginas. Ilustração que glorifica um texto ou uma idéia não pode dissociar as imagens das palavras.”

Paulo Bernardo Vaz (1995)

O livro ilustrado destinado à infância é certamente um espaço de arte. Ele pode vir a ser o germe dos primeiros maravilhamentos da criança. A partir dele, a criança passa a viver a poesia e a arte, conjuntamente à literatura em geral.

A ilustração é de fundamental importância para o livro infantil, ou seja, à literatura destinada à criança, pois é capaz de estimular a imaginação do receptor. Cada vez que as imagens do livro são revisitadas, abrem-se espaços de leituras diversas. Estas não traduzem as palavras, não as explicam, nem as legendam, mas suscitam sobretudo um enorme prazer no ato da leitura.

Contudo, a ilustração na denominada literatura infantil tem sido tratada como uma arte menor. A imagem é considerada, na maioria das vezes, um adorno do texto verbal, portanto inferior a ele.

Evitamos o termo literatura infantil; sabemos que tal denominação consiste num indicativo de crise de identidade, pois como podemos observar o adjetivo determina o substantivo, qualifica-o. Na denominação literatura infantil segundo Cadermatori, (1986, p.12) o adjetivo é utilizado para particularizar o substantivo, ou seja, o público alvo a que se destina: a criança. O adjetivo infantil é empregado como uma definição de gênero. Pressupõe que suas linguagens, seus temas e vocabulário tenham como alvo um destinatário específico. Como se o adulto, detentor do saber, fosse capaz de determinar aquilo que convém que a criança

saiba, estabelecendo, assim, uma relação de dependência da criança com o mundo social e intelectual. Mas se esse critério fosse empregado para todos os que são considerados incapazes, dependentes e/ou marginalizados, haveria literatura para negro, índio, homossexual, nordestino, mulher etc, o que não acontece na prática.

Mas, um dos traços marcantes da literatura destinada à criança é justamente a ilustração que pode ser lida por qualquer leitor independente de sua idade cronológica. A palavra ilustração tem sido largamente empregada como sinônimo de imagens. Porém, defendemos que ela está na dependência do arranjo textual da palavra e da imagem no espaço do livro.

No final do século XIX, a ilustração tem o teor didático, é redundante ao texto verbal e serve para reforçar a mensagem. Constatamos que muitos teóricos e estudiosos da literatura para criança, como a poeta Cecília Meireles, conceituam, na década de 50, a imagem no livro ilustrado de modo negativo por limitar a imaginação do leitor. À procura de embasamento para refletir sobre esses aspectos, observamos certa escassez de crítica ou teoria sobre a ilustração na literatura destinada à recepção infantil.

Entretanto, para Rui de Oliveira (1998, p.66), a ilustração não realiza nenhuma tradução direta do texto, palavra e imagem são indissociáveis, mas cada uma se comporta de maneira diferente: "o limite da literatura é o limite da ilustração e vice-versa". Os limites entre a palavra e a imagem desaparecem ao receberem influências mútuas.

A imagem mantém graus de articulação com a palavra. Existem entre as duas linguagens, no espaço do livro destinado à infância, relações intersemióticas, ou seja, duas linguagens diferentes relacionam-se entre si e expressam uma mensagem ou em conjunção ou em disjunção.

Em muitos casos, a imagem recria e interpreta o texto, mantendo assim as articulações prontas que possibilitam

a decodificação rápida do leitor; em outros casos, imagem e palavra têm autonomia e é possível, ainda, que a imagem transcenda a palavra criando uma impressão máxima no leitor.

Considerando que cada livro possui, em particular, como traço de identidade, uma idade de leitura do imaginário dado pela palavra e pela imagem, negamos o conceito de idade cronológica de um leitor, em favor de um leitor de imagens e de suas idades, seja cronológica, seja perceptiva.

Chklósvky (1976, p.39) oferece-nos uma teoria da desautomatização da percepção para se responder ao tema das idades, da leitura tanto da palavra, quanto da imagem, estimulada por meio das inter-relações palavra-e-imagem, aproximadas em graus pelo ilustrador. A concepção do termo idades, explica-nos Palo (2003, p.1), é fundada por um termo entendido como fases da leitura da ilustração, no nosso caso. Essas fases são dadas pela percepção do fenômeno que deverá motivar ou induzir o receptor a reconhecer uma e outra, em um outro tempo de significação proposto pelo ilustrador. Seu conhecimento é submetido a novas funções da linguagem, principalmente à da função poética sobre a metalingüística; essas funções precisam ser exercitadas, pois não sendo previstas pela alfabetização, elas exigem do receptor a leitura do efeito do estranho, mas sim, pela linguagem do cotidiano. Tais funções exigem o efeito do estranhamento, nem sempre percebido pelo observador-criança ou até mesmo pelo adulto. O treino perceptivo deve ser induzido pela escritura do texto, da qual o narrador é o agente. Ela induz o leitor a pensar por imagem, o que significa tornar-se um predicado constante para sujeitos diferentes. O uso da imagem é como um meio de pensar o real, meio de agrupar os objetos como imagens poéticas e as funções heterogêneas, ou de reforçar impressões na percepção do observador.

A literatura chamada infantil, sob o tratamento da ilustração via percepção, deve procurar agilizar a percepção do observador para que este ganhe o

prolongamento e um outro modo de conhecimento de imagens singulares. No ato de perceber desautomatizado o estranho é gerado, ao se estender da visão ao adiado reconhecido, da poesia à prosa e, inversamente, do concreto ao abstrato.

No ato de perceber automatizado o objeto está diante do observador que não o vê, apenas fala sobre ele e não dele. Quando o objeto é tratado como um fenômeno ou objeto novo, ele cumpre as três fases do processo: a observação, a discriminação e a generalização.

A leitura perceptiva, para Palo (2003, p.1), refere-se aos graus de percepção do objeto que levam o observador criança a um outro modo de conhecimento de imagens singulares. Ela cria uma percepção particular do objeto e não o seu reconhecimento familiar. O processo de singularização do objeto é a base e o único sentido de todas as adivinhações ou descrição dos objetos. O paralelismo psicológico que ocorre entre os graus perceptivos apresenta a sensação de não-coincidência de uma semelhança. Ou melhor, representa a transferência de um objeto de sua percepção habitual para uma esfera de uma nova percepção. Sua visão é o objetivo do criador e é construída artificialmente de modo que a percepção se detenha nela e chegue ao máximo de sua duração. O objeto, por conseguinte, passa a ser percebido não como uma parte do espaço, mas por sua continuidade, própria do objeto poético. Por essa razão é que a língua da poesia é uma língua difícil, obscura e complicada. O discurso poético é um discurso elaborado, enquanto o discurso prosaico é comum, econômico, fácil e correto. O ritmo prosaico é automatizante; o ritmo poético é violado de modo imprevisível.

As linguagens verbal e visual, quando em discurso, constroem a narração, por meio de associações de complementaridade e de ampliação, de expressão e comunicação, entre as duas linguagens.

No que tange a essas linguagens, não há função de apoio, mas acréscimo de significados, ou até mesmo, no caso dos livros só de imagem, de exclusão verbal.

A imagem conjugada ao texto pode alterar sobremaneira a modalidade da ilustração, tendo em vista que exerce uma forte influência na construção de referentes e, especialmente, quando relacionada com os elementos específicos de cada tipo de suporte, de cada gênero textual, ao mesmo tempo que possibilita a constituição de um universo simbólico de identificação e de partilha de referências na passagem da imagem para a palavra e da palavra para a imagem.



REFERÊNCIAS

ASSIS, Márcia. **A ilustração e as idades de leitura no livro destinado à criança: concepções**. São Paulo: PUC/SP, 2004. Dissertação de mestrado.

CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

CHKLOVSKY, V. A arte como procedimento. In: SCHNAIDERMEAN, Boris. **Teoria literária**. Porto Alegre: Editora Globo, 1976.

PALO, Maria José. **A ilustração: produção e recepção no livro para crianças**. 2003 (trabalho em andamento).

A autora é licenciada em Linguística e Português pela USP e mestre em Literatura e Crítica Literária pela PUC -SP.